

ANCESTRALIDADE E A INSTITUIÇÃO ESCOLAR: as adinkras e o currículo escolar

Sandra Carneiro Santos (UVA)¹,
sandracarneiro_br@yahoo.com.br

RESUMO

A construção de identidades perpassa o universo escolar segundo Munanga (2006) e para isso é impreenscível que esse espaço permita a conexão de diversos tipos de linguagens, epistemologias e culturas. Entretanto, o cenário é adverso e nossos currículos reproduzem hegemonias eurocêntricas que muitas vezes não dialogam com o corpo discente (Apple, 2001). Na esteira dessa percepção, ocorre o que Bourdieu e Passeron denominam de *violência dupla simbólica*, onde apenas uma cultura é chancelada a estar presente nesse documento basilar para a construção da instituição escolar (Bourdieu; Passeron, 1982). Na contramão dessa realidade, o presente trabalho tem como objetivo central discutir outras epistemologias possíveis de serem pensadas na escola, mais especificamente a partir da filosofia africana Ubuntu, que significa “eu sou porque nós somos”, tema da terceira edição da feira cultural de uma escola pública de ensino médio de Fortaleza. Através da simbologia gráfica das adinkras, criadas por povos de Gana e da Costa do Marfim, na África, estudantes, corpo docente e gestão puderam realizar conexão com a ancestralidade conduzindo a um resgate de memória afro-brasileira, que foi invisibilizado na escola por diversos mecanismos, dentre eles, o currículo. Nesse sentido, o uso das adinkras foram essenciais como uma forma de descolonização do espaço escolar a partir do desmantelo do sistema capitalista/moderna/colonial/patriarcal e combater a *colonialidade do saber* (Quijano, 2000), onde ocorre a hierarquização de conhecimento e o saber europeu é considerado apenas o válido. A África sendo o berço da humanidade, lugar onde surgiu os primeiros ancestrais (Munanga, 2006), possui ricas ancestralidades que são pedagógicas e que necessitam ser discutidas nas escolas para que rompemos o imaginário pedagógico ocidental (Oliveira, 1979), até mesmo pois nossa herança cultural descende dessa civilização. Destarte, foi perceptível que tal prática escolar corroborou para a mitigação de privilégio epistemológico de sistemas de saber europeus e que se propôs a pensar o Outro a partir de sua centralidade e não como periférico. As salas trabalharam a diversidade de artistas, estandartes, músicas, espiritualidade que cada adinkra trazia e ao abordar essas conexões acabou protegendo e salvaguardando seus verdadeiros significados. Como docentes, sentimos resgatando nossas próprias lembranças e trabalhando nossas ancestralidades de forma muito natural até mesmo durante as avaliações dos discentes e me conectando com eles por breves momentos de uma forma muito simples e natural. A feira trouxe e traz relações interculturais e intergeracionais

¹ Professora da rede estadual de ensino (SEDUC-CE), licenciada em História (UVA), pós-graduação em História do Brasil (Faculdade de Tecnologia Darcy Ribeiro) e graduação em Letras (UNIASSELVI). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2390093065033087>

de forma lúdica que fizeram com que tanto alunos como professores e a comunidade escolar se engajassem bem no processo de evolução da feira.

Palavras-chave: Ancestralidade. Feira cultural. Adinkras. África.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. **Ideologia e Currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira. **Educação e questão racial** – plano de curso. São Carlos: Coleção EOO/UEIMUFSCAR, Série Produção Intelectual, 1979

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 201-249.